

Educação, um ganho extra.

MIGUEL JORGE

23 ABR 1994

JORNAL DA TARDE

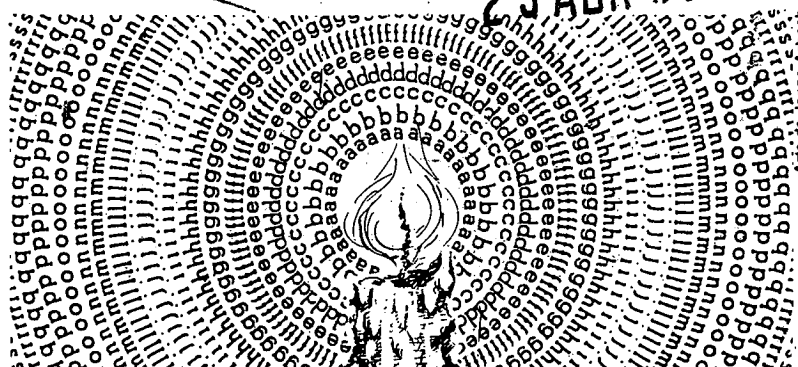
É preciso repetir sempre que uma das causas do sucesso da maioria dos países industrializados e dos chamados países emergentes, como os "tigres asiáticos", está na educação de seu povo. Essa é, também, uma das causas do atraso que o Brasil se viu forçado nos últimos anos.

No caso específico da qualificação, por exemplo — e, aqui, falamos do operário ao engenheiro, passando pelo técnico de nível médio —, as carências nacionais são enormes, refletindo, claro, situações que se repetem em várias outras áreas.

Pode-se começar uma avaliação do problema por alguns números: o Brasil tem um precário mercado de trabalho, com 31 milhões de ocupados que não contribuem para a Previdência, e 20 milhões de desempregados — e 14,2% das crianças brasileiras entre 10 e 13 anos trabalham por necessidade, embora isso seja proibido pela Constituição! (Em algum lugar, falou-se em algo chamado "dumping social", tese que o Brasil não aceita. Perguntar: que outro nome pode-se dar a isto?)

Essas distorções, incompatíveis com um dos dez maiores PIBs do mundo, obrigam alguns setores industriais a formar seus próprios quadros, mais um fator de perda de competitividade frente aos concorrentes de outros países. Nesses, os investimentos na qualidade do ensino e no treinamento profissional são responsabilidade do governo e, em certos casos, até com a iniciativa privada participando do planejamento dos gastos.

A economia moderna precisa de respostas rápidas e os fatos comprovam isso: companhias que optaram estrategicamente pela



Arte de Jorge Arbach

tiva a todos os fatores da produção industrial.

Exemplo gritante é o da empresa-líder entre os fabricantes de freios para veículos, do interior de São Paulo. Após a visita de executivos da companhia ao Japão e à Coreia, onde todos os operários têm no mínimo o segundo grau completo, resolveu-se investir na educação e treinamento de pessoal. A produtividade da empresa "explodiu" e os prêmios de qualidade, no mundo inteiro, se multiplicam.

Profissionais bem treinados podem ter maior poder de decisão nas tarefas de produção e administram melhor suas dificuldades. Em 1990, dificilmente se encontraria alguém na China que entendesse os conceitos de juros ou de custo de mão-de-obra; hoje, o País registra por dois anos seguidos crescimento de 13% — e uma das razões para isso, segundo vários especialistas, é a educação da mão-de-obra chinesa.

Qualquer país que queira ser competitivo, segundo o economista Lester Thurow, do Massachusetts Institute of Technology, em entrevista a **Folha**, no fim do ano passado, tem que combinar, antes de tudo, técnicas de combate à inflação com ações e longo prazo na área educacional.

Isso significa, em resumo, que economia sadia e gastos com educação são hoje os melhores indicadores do grau de riqueza de uma nação.

A FALTA DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL BÁSICA TORNOU-SE OBSTÁCULO DIRETO AO DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE PRODUTIVA DO PAÍS

educação do homem colhem ótimos resultados. Um exemplo: nos últimos quatro anos, 279 mil funcionários (atuação múltipla) participaram de cursos de treinamentos. Outros 5.811 empregados, individualmente, fizeram o curso interno de Educação Básica — só em 1993, foram 2.040 funcionários, dos quais 1.050 concluíram o curso, número 47% superior ao de 1992.

A qualidade do produto melhorou e a produtividade aumentou — e, quando se analisam os números, percebe-se com enorme clareza como o reduzido nível de proficiência básica do trabalhador, na indústria em geral, cria dificuldades adicionais para as empresas. Um país, no qual o período médio de frequência na escola é de apenas 3,7 anos, obviamente tenderá a ficar fora da economia internacional, que se globaliza cada vez mais e precisará, num nível

cada vez maior, de profissionais preparados e capazes.

Mais que isso, a falta de uma política educacional básica tornou-se obstáculo direto ao desenvolvimento da capacidade produtiva do País. No mundo moderno, a educação aparece na própria base das relações entre os trabalhadores e a sociedade. A competência pesa muito, e terá peso cada vez maior, na qualidade e na produtividade, na medida em que os consumidores se tornam mais exigentes e a concorrência se acirra.

Se isso acontece em todos os setores industriais, mais ainda na indústria automobilística e de seus fornecedores, onde o desemprego já não se mede apenas por números de eficiência de produção ou de distribuição. Relaciona-se, também, a uma série de posturas modernas e inteligentes, como a de dar uma redistribuição equita-

O AUTOR

Miguel Jorge, jornalista, é vice-presidente de Assuntos Corporativos da Autolatina Brasil.

